

FICHA CATALOGRÁFICA

RIEG, Helena Clorinda Notari. *História Oral nos bairros (Rodeio)*, nº6.
Entrevista realizada por Gabriel Dalmolin. Rodeio, 18 de junho de 2024.

FICHA ENTREVISTA

Entrevistado: Helena Clorinda Notari Rieg (H.C.N.R.)

Morador do bairro: Centro (Rodeio)

Natural do bairro: Ipiranga (Rodeio)

Idade: 58 anos

Ocupação: Aposentada

Data da entrevista: 18 de junho de 2024

Data da transcrição:

Nº da entrevista: 06

Entrevistador: Gabriel Dalmolin (G.D.)

Local da Entrevista: Residência, bairro Centro

Transcrição: Luan Daniel Sehn



ENTREVISTA

G.D. - Então, boa tarde, Helena!

H.C.N.R. - Boa tarde!

G.D. - A gente agradece, né, pela disposição, né, de receber a gente para mais uma entrevista desse projeto, né, que é o Projeto “História Oral nos Bairros de Rodeio”. E, sem mais delongas, né, a gente inicia com a primeira pergunta que é sobre o teu bairro de origem, né, que é o bairro Ipiranga, né? Por que que se chama Ipiranga? Da onde [sic] que surgiu esse nome, né? E como foi adotado, né, na cidade?

H.C.N.R. - Ipiranga é um bairro de Rodeio, que há anos passados se chamava São Pedro Novo, mas no zoneamento atual, agora é bairro Ipiranga. Na verdade, ele não seria “Ipiranga”, seria “Piramba”, que é uma palavra

polonesa que significa “pirambeira”, mas com o passar dos tempos, adotou-se o Ipiranga.

G.D. - Uhum. E você sabe alguma coisa sobre os imigrantes poloneses que se estabeleceram ali no Ipiranga?

H.C.N.R. - Então, quando houve a colonização do município, os poloneses se instalaram no município. De acordo com fundamentos que foi... Que eu li... De acordo com o Livro do Tombo, constatou-se que os poloneses, os polacos, eram um pessoal mais rude, mais agressivo. Então, com o zoneamento, eles foram instalados, ou enviados, para locais mais distantes do centro da cidade. Sendo assim, o Ipiranga se tornou uma localidade de poloneses, os chamados polacos. Entre eles, os Ostrowski e os Novak... Os Ostrowski... E eu não lembro agora os outros sobrenomes de poloneses. Mas eles foram pra lá por causa do temperamento mais rude que eles tinham com as pessoas.

G.D. - E tivesse contato assim, com a língua através dos parentes de vocês, ou com alguns termos, alguma coisa da cultura polonesa?

H.C.N.R. - Não. Assim, a gente teve mais convivência com a cultura italiana. De poloneses, nós temos... Eu tive a minha avó, a Nonna Helena, que era Ostrowski, e toda a família Ostrowski que morava no Ipiranga. Então, o tio Vádico, o tio Francisco, o tio Estáco... E... Não lembro do nome... Que são tios do meu pai. A gente teve um contato, e eles eram pessoas que trabalhavam, de famílias grandes. A maioria trabalhava na lavoura, né? E realmente eles eram um tanto quanto rudes assim, né? O temperamento deles...

G.D. - E entre eles, eles falavam em polonês ainda?

H.C.N.R. - Entre eles, sim. Até as minhas irmãs mais velhas, até aprenderam a falar algumas palavras em polonês, mas eu não. Eu só aprendi o italiano, o dialeto Trentino.

G.D. - E você conheceu aquela dupla dinâmica, que chamavam, que era o Janick e Franeck?

H.C.N.R. - Então, o Janick e Franeck eram primos do meu pai, e eles moravam na Piranga [sic]. Hoje se consideram dois solteirões, mas foram dois rapazes, criados pelos tios, porque os pais faleceram novos, e eles viviam de uma casa à outra, eles trabalhavam... E o Janick era muito calmo. Então ele chamava mais a atenção que o Franeck. Ele era bem calmo, era de um andar lento... Bem calmo mesmo.

G.D. - E qual que era [sic] os nomes deles mesmo? Era João e Francisco, não?

H.C.N.R. - Eu não sei te dizer o nome certo deles, mas eu acho que é João e Francisco. A minha mãe deve saber.

G.D. - Uhum. Se depois conseguireis daí, a informação, daí a gente coloca junto.

H.C.N.R. - Uhum.

G.D. - E da parte dos Notari, quem que foram os seus antepassados, né, que vieram da Itália?

H.C.N.R. - Então, que veio da Itália foi o meu bisa... Meu tataravô, Giovanni Notari, que era natural de Cengo, Provincia di Cremona, na Itália. E a partir daí então, o meu avô, que se chama... O meu bisavô, o meu tataravô, Giovanni, e o meu avô, que era o Nonno Tcheschin, que era Francisco, né, que também... Eles vieram pro Brasil, e o Nonno Tcheschin se instalou no Ipiranga, na casa que hoje é do... Era do Osmir, agora é da Nilva... Que foi do meu avô, o Nonno Bèpe Furlani, José Furlani. O Nonno Teschin vendeu pro Nonno Bèpe. Essa casa ainda existe, ela é de 1906.

G.D. - Uhum.

H.C.N.R. – Aí o meu avô, o Nonno Aníbal, ele casou com uma polonesa, que foi a Dona Helena, e o meu avô morreu novo, com 38 anos, deixando seis filhos, né. Dos quatro... Quatro viveram até uma idade adulta, e dois morreram.

G.D. – E tem uma parte da família que chegou a migrar pra Argentina, isso?

H.C.N.R. – Seria um irmão do Nonno Tcheschin, que seria o... Eu tenho que ler isso aqui pra... Fecha ali que eu vou achar...

G.D. – E você conheceu o Antonio Mazzucco? Saberá contar um pouco a história dele?

H.C.N.R. – Sim, eu conheci e convivi por mais... 18 anos com ele. Ele foi um... Começando a história dele, foi assim: ele morava em Tubarão. Ele era um filho único homem de uma família e na região onde ele morava era muito tradicional, então eles não faziam partilha de bens. A família casava entre a família. Como ele era o único homem da família, o pai e a mãe dele obrigaram ele a se casar com uma prima, mas ele não gostava dessa prima. Então, por medo de casar, ele fugiu de casa. Ele fugiu com uma bicicleta, a roupa dele, e veio vindo de Tubarão aqui pro Vale do Itajaí. É... Na caminhada toda ele acabou parando em Taió. Em Taió ele começou a trabalha... Não, em Lages! De Lages ele veio pra Taió. Ele começou a trabalhar com os fazendeiros ali da região na roça e com gado. Nesse período ele juntou um dinheiro. Ele montou uma empresa de ônibus que fazia linha de Taió a Rio do Sul, onde ele tinha três carros. E esses carros não tinham volante, era dirigido pelo pé. Mas ele faliu, devido a um período muito grande de chuvas, onde mais ele tinha que pagar os bois pra puxar os carros ou os ônibus dos atoleiros do que ele ganhava nas passagens. Nesse período ele conheceu... Começaram a instalação da Estrada de Ferro e ele começou a trabalhar na Estrada de Ferro. Como ele era um exímio conhecedor da matemática e da geografia, ele tinha um cargo, digamos assim, de chefia dentro da Estrada de Ferro. E nesse período, ele conheceu Sílvio Scoz, que o trouxe pra Rodeio pra ajudar a

orientar ele nas questões... Em tudo assim, né? Ele era um, digamos, um braço direito do Sílvio Scoz. Como ele era um getulista, teve o período em que os que admiravam o Getúlio Vargas eram perseguidos e aí ele ficou com muito medo de ser preso, então o Sílvio Scoz ofereceu abrigo pra ele na fazenda, que hoje é do... Era antigamente do Natal Moretto e tinha atrás dessa fazenda do Sílvio Scoz, um terreno que era das Irmãs Catequistas de Rodeio. Ele morou lá com as... Cuidando da fazenda do Sílvio Scoz e das Irmãs vários anos. Ele morou três anos e meio debaixo de uma pedra. Ainda hoje, a pedra está lá, que a pedra não se mexe. Ele fez um mini acampamento debaixo dessa pedra, onde ele fazia o fogo, a comida. E ele trabalhava para o Sílvio Scoz e para as Irmãs Catequistas. Como ele não tinha gastos e ele tinha uma renda, ele foi juntando dinheiro e posteriormente ele comprou o terreno das Irmãs Catequistas, se formando a Fazenda do Mazzuco, que é um sítio, que ainda hoje está dentro da nossa família, que é da minha irmã, a Bete. O sítio do Mazzuco. Lá ele cultivou muita fruta, ele tinha o plantio de alimento pra ele. Criava gado, ovelhas, porcos. Ele tinha a casa dele, ele era uma pessoa muito organizada. Ele estudava muito matemática. Ele adorava geografia. Ele decorou um atlas, ele sabia o nome de todos os países, de todas as capitais, a moeda de cada país, a metragem de cada país e o idioma de cada país. Ele era muito inteligente. E, além disso, ele era bem simples... A casinha dele. Eu achava linda a casa dele, né. Era uma casinha onde tinha uma sala, um quarto e uma varanda, que era a cozinha com o depósito de madeira. Ele fazia o fogo no chão, com uma corrente pendurada com o tacho, onde ele fazia comida. Ele não fazia um arroz e uma carne. Ele botava tudo dentro da panela pra cozinhar. Ele cozinhava aquela panela de comida, que dava pra dois dias, mantinha sempre quente. Então ele não tinha água encanada, ele pegava água do riacho que tinha ali perto da casa dele, que ainda hoje existe, aquela aguinha, né? E assim, ele era um... Pra mim, ele foi como um avô, porque ele cuidava muito bem de mim. Todo Natal, ele me comprava o vestido de florzinha, que a mãe fazia. Ele andava sempre com um zerlo, que ficou... Zerlo é um cesto de alças que se põe nas costas. E muitas vezes ele me levou para

passar dentro do zerlo, né. Nós íamos pra roça ali na mãe, ele me botava dentro do zerlo pra ir colher aipim, arrancar aipim, fazer trato, coisa... E eu sempre acompanhei ele. Tem muitas histórias do Mazzucco que eu posso contar. Ele gostava de tocar gaita, mas não sabia. Mas ele fazia de conta que sabia tocar gaita. Não gostava de mulheres, porque ele dizia que as mulheres só iam gastar o dinheiro dele. Quando ele comprava roupa, ele comprava de dúzia, então ele comprava doze camisas e doze calças. Não usava calçado, sempre andou descalço. Mais o quê que eu posso falar... Ele tinha um depósito de lenha dentro de casa, que quando ele morreu, depois de uns anos foi desmanchado a casa, por causa do cupim. Foram tirados, eu acho que quatro caminhões de lenha, que era a reserva de lenha que ele tinha pra quando viesse o inverno. Ele criava as cabras, às vezes, ele botava até as cabras dentro de casa, porque era muito frio e ele não queria que as cabras morressem. Ele escondia o dinheiro dele numa lata num tronco de árvore... Que o meu irmão sabe onde é que era o lugar. Mais o que... Ah, ele fez uma igreja, uma igrejinha do Sagrada Família, onde nessa capelinha existia a estátua do Sagrado Coração de Jesus, da mãe Sant'Ana e do pai José, porque ele dizia que pra abençoar precisa o pai, a mãe e o filho. Ele era muito religioso, muito devoto a Deus. Ele tinha suas orações, os seus santos, que ele sempre preservava... Mas... Do zerlo, do fogo de chão... [...] Deu? E um detalhe muito importante é que onde hoje existe o eremitério faz parte do terreno que era do Mazzucco. Lá no eremitério tem uma gruta, uma caverna muito grande. Então ele sempre dizia que se um dia estourar uma guerra, ele tinha onde se proteger, mas mais do que se proteger, proteger a família de Deus, que era o pai, a mãe e o filho. Lá ele ia guardar as estátuas da capelinha dele. O eremitério foi doado para os padres franciscanos, é... Justamente por causa do Mazzucco, por ele gostar muito de Deus. Então quando... Depois que o Mazzucco faleceu, uns anos depois, os franciscanos estavam procurando um espaço para criarem o eremitério e o pai mostrou para os padres esse espaço, eles gostaram. Então meu pai, em honra ao Mazzucco, doou o terreno para fazer onde é o eremitério hoje. [...] Como a minha família, a família do papai, teve

convivência com o Mazzucco? Na casa da minha vó era uma casa de parada dos caminhantes que moravam pra cima da Igreja do Ipiranga, na Liberdade, no Russo... Todos eles paravam pra tomar um café na casa da minha vó. E o Mazzucco, que morava no sítio lá do Sílvio Scoz, na fazenda do Sílvio Scoz, sempre parava pra tomar café na vó. E dava um pouco de sal pra ele, porque ele comprava bastante sal, então ele deixava sal. E dessa forma, ele ficou conhecido pela família. Os anos se passaram e uma vez ele foi picado por cobra e vinha um caminhante de Benedito Novo, parou na casa do pai e falou: "Olha, o Mazzuco foi picado por cobra", eles chamavam ele de "Toni", "O Toni foi picado por cobra". Então o pai foi lá a cavalo, pegou ele e levou pro hospital. A partir daí, ele teve mais convivência com a família. Depois ele foi picado uma segunda vez, que também o papai socorreu e o levou pro hospital. Nessa segunda vez que foi picado por cobra, o papai e a mãe já eram casados, e ele teve que ficar um longo período com cuidados especiais, porque foi mais grave dessa segunda vez. Então ele acabou sendo um membro da família. Ele era como se fosse um tio de idade, um... Pra mim ele era como um avó, né. Então ele frequentava, então ele vinha duas vezes por semana fazer uma visita na casa, ele vinha ajudar a fazer os serviços, fazer o trato pras vacas, cortar lenha, capinar... O que fosse necessário ele vinha ajudar. E a partir de então, ele começou a ter mais frequência na nossa casa. Mas o contato, o primeiro contato dele com a família, foi com a Nonna Helena, onde ele vinha de Rodeio, o cesto cheio de mantimentos e parava pra tomar café. Uma das vezes, o cesto era tão pesado que ele quis botar em cima da mesa da cozinha, o peso era tanto que a mesa da cozinha desmontou (risos). E ele teve que se virar e arrumar a mesa pra nonna.

G.D. - E quando mais ou menos que o Mazzucco veio pra Rodeio?

H.C.N.R. - Mais ou menos lá pelos anos... Entre os anos 40 e 50, pelo que eu me lembre assim, mais ou menos pelos 43 a 48, não tem uma data definida, mas foi nessa época que ele veio pra Rodeio.

G.D. – E quanto tempo que vocês conviveram?

H.C.N.R. – Convivência direta com a nossa família foram mais de 25 anos... Convivência diária... Em que assim, o pai assumiu a responsabilidade de cuidar dele até morrer. Ele sempre dizia que quando ele morresse, tudo que ele tinha, ele ia dar pro pai, porque o pai, pra ele, era como um filho... Que cuidava muito bem dele. Então ele deixou, realmente, como herança, a terra onde ele morava. E a gaita que ele tinha, ele deu prum [sic] sobrinho dele. Em 1975, ele retornou à terra natal dele, em Tubarão, Urussanga, onde ele foi ver as irmãs e os sobrinhos. Lá ele passou uma semana, mas ele não gostou muito de ficar lá, porque o medo dele era que ele tivesse que casar com aquela prima que ele tinha que dar a herança.

G.D. – (risos) E em 75, a gente tem fotos, né, da época dos festejos do Centenário, né? E ele foi um dos que desfilou, né? Tem foto dele desfilando... Lembra alguma coisa sobre ele se preparando ou algo do tipo? Ou ele desfilando? Como que ele tava [sic] caracterizado?

H.C.N.R. – Bom, foi uma novela o desfile do Centenário, inclusive eu também participei do desfile como uma família típica italiana. Ele foi convidado pra participar do desfile, pra caracterizar uma pessoa que realmente colonizou a nossa cidade. Então ele comprou a roupa nova pra desfilar, o chapéu novo. E ele tinha que desfilar com o zerlo, mas ele não queria desfilar com o zerlo vazio. Ele queria o zerlo cheio de milho. Aí falaram... O pai falou assim pra ele: “mas Toni, não precisa tu encher de milho. A gente bota palha embaixo e só o milho por cima, pra fazer de conta que tem milho”... “Não! Eu quero o balaio cheio, porque o quê que vão dizer... Que eu tô [sic] carregando uma coisa vazia. Eu não quero! Eu quero o zerlo cheio de milho!”. Então o pai, pra não contrariar tanto ele, e que ele desfilasse, misturaram então *panocias* de milho com palha, pra ficar mais leve, pra ele circular. E pra ele foi uma realização homérica ele estar desfilando. Tanto assim que ele não dormiu à noite. Era pra ele estar sete horas aqui em Rodeio, quatro da manhã ele já tava [sic] na frente da prefeitura com o zerlo nas costas, esperando a hora pra

desfile. Como veio o governador do Estado pra essa cerimônia, o Mazzucco foi convidado pra almoçar com o governador. Ele se lavou tanto as mãos pra poder cumprimentar o governador do Estado, que o pai disse: *“Tòni, ma te guasti le man forza lavarere”*¹. Mas ele sentou e ele foi, assim, muito educado, ele comeu pouco, porque ele achava que se ele comesse demais, ele ia fazer o pai passar vergonha. Foi muito bonito. Hoje eu vejo assim, ó, de uma maneira tão esplendorosa o que ele fez, e pra ele foi uma realização pessoal inimaginável. Uma outra situação do Mazzucco que sempre nos chamou atenção é que ele, quando chegou a idade de 60 anos, ele se aposentou. Então todo mês ele ganhava aquela renda. Pra ele, a maior realização era levantar e vim pro banco receber o dinheiro. Mas ele não tinha paciência de chegar nove horas no banco, quando o banco abria. Ele já vinha dois dias antes da casa dele, dormia ali em casa. Digamos, se ele recebesse na terça-feira, no domingo à noite ele já vinha, dormia lá em casa, pra passar segunda lá em casa. De terça de madrugada, três e meia, quatro horas da manhã, ele levantava, tomava café, se lavava, botava a roupa nova e vinha pra cidade receber o dinheiro. Cinco horas da manhã ele se sentava na frente do banco e esperava até o banco abrir. Ele era o primeiro, que ele ia lá receber o aposento. Ele se sentia realizado, porque ele sempre dizia que depois de Deus, vem o “goerno”, que dá dinheiro pra ele. E depois que ele recebia o dinheiro no banco, então ele ia na loja do... Na venda do Estácio Pisetta fazer a compra do mês. Eram seis pacotes de macarrão, 25 kg de sal, porque é pro consumo dele e do gado, 5 kg de arroz, e ele comprava pão, que a venda do Estácio vendia pão, então ele comprava pão. E ele levava essa mercadoria pra casa, que era pra passar o mês.

G.D. - E o resto basicamente ele tinha em casa?

H.C.N.R. - Ele... É! Ah, e a farinha de polenta. Mas a farinha de polenta ele pegava muito lá em casa, porque nós tínhamos moinho de... Né? A tafona! Nós fazíamos polenta. Ele comia arroz, o macarrão... Ele comprava arroz,

¹ Significado em português: Tòni (Antônio) você vai gastar as mãos de tanto lavar.

macarrão... Aí o fubá ele pegava lá em casa, e o sal. Porque a banha ele tinha, porque ele matava os porcos, né. A carne também, ele usava a carne defumada, né? Ele fazia o charque ou defumava a carne. Frutas e verduras ele tinha aos montes. Então não tinha o que comprar de... Né? O mais importante era o sal. O resto ele sempre cultivou. Café ele mesmo produzia, né...

G.D. - Torrava em casa, tudo...

H.C.N.R. - Tudo, ele fazia tudo! E ele não era muito de tomar café, ele era mais do chá. Ele se fazia os panelão [sic] de chá e tomava chá durante o dia.

G.D. - Uhum. E se tiver mais alguma história do Mazzucco... Senão eu vou... Ou se lembrar depois, a gente volta...

H.C.N.R. - É, depois a gente volta... Eu agora, assim, não tã...

G.D. - E o Natal Notari, ele também era parente ali de vocês, né?

H.C.N.R. - É, o Natal Notari seria... É... Como é que eu posso te explicar? Ele é... Tem o Giovanni Notari, ele é filho daquele outro Notari, né? O Giovanni seria o meu bisavô. Então ele seria sobrinho do Giovanni Notari, pelo que eu sei da história.

G.D. - E ele foi um dos colonizadores de Doutor Pedrinho, essa região de Santa Maria ali também, né? Tens alguma coisa sobre ele?

H.C.N.R. - Hum, não conheço, não tenho conhecimento sobre isso.

G.D. - Uhum. E pra... Já quase finalizando, né? Se puderes contar um pouquinho da história do teu pai, do Paulo Notari, né? E como que surgiu a ideia do Caminho dos Anjos, né, ou Picol Paradis, como ele dizia, né?

H.C.N.R. - É. Então, meu pai nasceu em 26 do 7 de 1929. Ele é filho do Aníbal Notari e da Helena Ostrowski. Ele nasceu e se criou no Ipiranga. Meu pai sempre foi um agricultor, sempre trabalhou com a roça. Além disso, ele era um excelente negociante, onde ele comprava madeira, imóveis e depois

vendia. Casou com a minha mãe, Anna Furlani, que é filha do José Furlani e da Clorinda Furlani. Eles tiveram cinco filhos, a Tereza, que mora aqui em Rodeio; a Isabel, que mora na Alemanha; a Ester, que mora em Minas Gerais; o Carlos, que atualmente cuida da mamãe e mora na casa do papai e da mamãe; e eu, Helena. Meu pai sempre teve um propósito na vida, de que os filhos fossem pessoas cultas, honestas e trabalhadoras. Pra isso, ele sempre nos estimulou a trabalhar, sermos honestos e, principalmente, estudar. Porque ele dizia que o conhecimento é que torna a pessoa idônea. Então a gente sempre, todos nós estudamos, fizemos o primário, o ginásio, o segundo grau. E eu e a Tereza, minha irmã mais velha, fizemos faculdade. A Ester, a Bete e o Carlos não quiseram estudar, mas não foi porque o pai não pode ajudar, porque realmente ele criaram... Buscaram outros caminhos. Tudo que o pai tem de terras, de imóveis, foi com muito trabalho dele e da minha mãe na roça, com o gado... Com a tafona, que nós fazíamos milho. Nós fomos uma das primeiras... Não, a segunda família a termos gerador próprio e energia dentro de casa, que era só as lâmpadas, não era outra coisa. Mas tinha o gerador e tinha as lâmpadas dentro de casa. Uma no quarto da mãe, uma na sala de visita, uma na sala de jantar e uma na cozinha. Era as lâmpadas que tinha dentro de casa, o resto era tudo com luz de querosene ou vela. É... Em... Quando eu casei? Pera [sic]... Em 1987, quando eu casei, eu bati fotografias de noiva na frente de um pé de hortênsia, que era na frente da tafona, que hoje é o Restaurante Caminho dos Anjos. E o meu pai nunca gostou de hortênsias, sempre quando ele via uma moita de hortênsia, ele queria se desfazer. Mas eu e mãe sempre cuidava, porque dá uma flor bonita, era num lugar bonito. Quando ele viu as fotos do meu casamento, ele disse: “Sabe o quê que eu vou fazer? Eu vou plantar flor na beira da estrada que vai buscar bonito”. Então ele pegou as mudas dali mesmo, da tafona, e plantou na frente... No nosso terreno, só na frente de casa, digamos, do Restaurante Caminho dos Anjos até o Cristo. Mas como ele viu que tinha muita muda, ele resolveu plantar da casa da Nonna Linda, que é casa da vizinha abaixo, até a Igreja. Isso foi em 89. Aí ele... Como ele era uma pessoa que gostava de viajar, gosta muito da leitura,

leu três vezes a Bíblia na íntegra. Então, eu posso dizer que papai era um apaixonado por Deus, Jesus Cristo, ele tinha muito fé [sic], muita honra. E ele achou que deveria fazer alguma coisa pra Deus, mas não sabia o que ainda. Nesse mesmo período, ele viajou pra... Antes disso ainda... Ele viajou pra Jerusalém e viu tudo, Roma... Conheceu todos os lugares lá. E nessa época ele foi pro Rio de Janeiro também. E como ele serviu o exército perto do Cristo Redentor, e o passeio dele era indo visitar o Cristo Redentor no período do exército. Uma vez ele falou pra minha irmã mais velha, a Tereza: “Tereza, eu queria fazer uma estátua do Cristo aqui em casa, o quê que tu acha?”, mas a intenção dele era fazer um Cristo pequeno, de no máximo um metro de altura, fazer uma capelinha e botar ele lá dentro. Aí a minha irmã disse: “Não, pai, esse tipo de coisa não vai dar certo. Com o tanto de gente que circula pra cá e pra lá, você vai por uma estátua pequena ali, eles vêm, atiram uma pedra, quebra... Não dá certo. Por que que o pai não faz uma coisa grande?”. E aí ele começou realmente a pensar, aí ele disse: “Sabe que eu vou fazer uma coisa pra que as pessoas aprendam a respeitar Deus!”. E aí ele decidiu fazer a estátua do Cristo Redentor, que temos lá hoje, bem grande. E ao mesmo tempo, ele resolveu plantar todas as hortênsias. A intenção dele seria só de onde tem casas no Ipiranga, que seria daqui do Soares, aqui embaixo, até os Bertoldi. Mas ele se empolgou tanto, eu também nessa história me empolguei, que eu ajudei ele a plantar, na época eu morava lá com eles. E plantamos do pé da serra, aqui, do começo do Ipiranga, até a divisa de Benedito com Rodeio, que hoje não pertence mais a Rodeio, lá na tirolesa, aquele caminho, né? Da Liberdade...

G.D. - Sim.

H.C.N.R. - Plantamos até lá! Isso dava 14 quilômetros de extensão de hortênsias. Aí ele, um belo dum [sic] dia, ele disse assim pra nós: “É”, ele disse, “pra nós termos um paraíso, o Cristo nós já temos, as flores também, e o paraíso precisa de anjos. Eu quero fazer um anjo”. A princípio, era pra fazer só cinco anjos ao redor do Cristo Redentor. Então, fomos procurar entre todos

na família, um levou ele pra cá, outro pra lá... Enfim, foi um ano de pesquisa pra ver qual o tipo de anjo que ele queria. Nessa época, foi comprada tanta estatueta de anjo que lá na mãe não tinha mais onde botar, era tudo quanto era tipo. Nenhum agradava ele... O anjo que ele queria... Então foi contratado um escultor de Pomerode que veio e falou com o pai, através do que o pai falou, ele foi esculpindo a estátua no gesso. Mas ainda assim não era o que o pai queria. Depois da estátua esculpida, o pai foi lá com o barro em cima do gesso, e moldou do jeito que ele queria. Depois dessa estátua pronta, então foi feito um molde, é... Consegui... O meu irmão conseguiu uma empresa em Brusque... Não, em Gaspar! Que fez as primeiras estátuas... As primeiras cinco [sic] que foram postas ao redor do Cristo. Como ele achou que era barato, ele mandou fazer mais vinte, que foram postas, algumas na estradas, algumas ali perto do... Enfim, foi da casa da Nonna Linda até a Igreja, foram postas vinte... Mais vinte estátuas, além das cinco. E a partir daí então, ele continuou o projeto do Caminho... Que os turistas denominaram Caminho dos Anjos. Mas o portal de visitação é *Picol Paradis*, pequeno paraíso. Onde nós devemos aprender a respeitar a Deus, as pessoas e a natureza. Esse é o coisa [sic]. Aí a partir dessa empresa, depois como o molde era dele, o protótipo era dele, e o molde era dele, pegamos o molde na empresa lá em Gaspar, trouxemos ali pra casa e começamos a confeccionar os anjos ali. Eram dois por semana. Eu e ele, em seis meses, confeccionamos mais quarenta e quatro... Eu perdi a conta, quarenta e quatro, quarenta e cinco anjos... A parte da cabeça, o tronco, o corpo, né, e a perna. E as asas eram feitas por um outro pessoal, porque elas são feitas de resina lá em Blumenau. Que também é o molde das asas, é do meu pai. O meu pai mandou fazer o molde pra ele. E ainda hoje temos lá em casa o molde do anjo. Então, quando a gente precisava refazer um que estragou, a gente sabe como fazer [sic]. Ao todo são 63 anjos instalados. O projeto conta com 64 anjos. Cada anjo, atrás da estátua, tem um número, esse número identifica a localização dele, porque nós temos um mapa onde estão todos os anjos. Como o pai quis abençoar... Agraciar a Deus com uma benção, e principalmente pessoas amigas, pessoas próximas à

família, e que ele considerava pessoas de grande estima dele, ele convidou as pessoas pra serem padrinhos de anjo. Dessa forma, as pessoas se sentem honradas em serem compadres de Deus. Então, cada anjo tem um número, que é de 1 a 63, e cada anjo tem um padrinho. Eu vou dar o exemplo: o meu anjo, que eu ganhei do meu pai, é o número 23, né, e assim vai... Tem alguns que ainda estão sem números, porque o pai deixou, porque poderiam aparecer pessoas especiais na vida dele, que ele queria convidar essa pessoa pra ser padrinho do anjo, e que fosse compadre de Deus. As pessoas nomeadas ganharam um título de “Padrinhos de Anjo” com o número e a localização onde está situado esse anjo.

G.D. - Que bonito! E ele tinha a ideia também de fazer um portal, né?

H.C.N.R. - Então, essa ideia do portal foi uma comédia... Ele estudou, porque ele queria fazer a “Porta do Paraíso”. Então ele estudou num lugar, ele planejou... Ele chegou até a fazer a maquete com um facão... Tá [sic] lá na mãe ainda... Maquete que ele criou de como ele queria fazer a “Porta do Paraíso”. Mas era um... O que ele queria fazer, pra estrutura que nós temos, pra fazer numa estrada se tornaria inviável. Não tinha como, né? E mesmo porque pra você construir por cima da estrada, você tem que ter... É... Autorização estadual e etc, etc. Então, a gente tentou de inúmeras maneiras convencê-lo o contrário [sic]. E um belo dia, porque ele ia muito lá na frente do Cristo, ao redor do Cristo, era o passeio dele todo dia de manhã, de meio-dia e de noite. E um dia ele chegou lá, uma vez ele tava [sic] cheio de taquara lá no chão, que ele inventou de fazer a maquete de taquaras. E eu: “Pai, o quê que o pai vai fazer?”, “Ah, eu vou montar de taquara, porque eu quero ver o tamanho que fica”. E fiquei quieta, eu vim pra casa. Aí depois de dois dias, ele veio lá em casa, ele me disse: “Sabe que eu não vou fazer a Porta do Paraíso?”. Eu disse: “Ué, pai, o quê que deu?”. Ele disse: “É, porque apareceu uma pessoa pra mim e disse que o paraíso não tem porta. Então não se faz porta no paraíso, porque no paraíso entra quem merece... Não é por uma porta” ... Só desliga um pouquinho...

G.D. – E pra finalizar então, se puderes contar um pouco da tua infância, da tua trajetória, né, da tua família... Como que se deu esse processo, né?

H.C.N.R. – Eu me chamo Helena Clorinda. Nasci no ano de 1965. Por que do meu nome Helena Clorinda? Eu tenho nome das minhas avós... Helena, por parte de pai, e Clorinda, por parte de mãe. Quem me deu esse nome foi a minha madrinha, a dona Ester Notari, porque ela achava mais do que justo homenagear duas pessoas muito especiais, que são as minhas avós. E eu tenho muito orgulho de ter esse nome, Helena Clorinda. Nasci no Ipiranga... Nasci no Hospital São Roque, de Rodeio. Fui criada no Ipiranga desde que nasci. Até os 20 anos de idade morei com os meus pais. Trabalhei na roça, capinando, roçando, limpando, tirando leite de vaca, fazendo queijo... Fazendo fubá, que nós tinha [sic] a tafona, ajudando o tio Vitor a fazer cana de açúcar... Polvilho... Farinha de aipim... Enfim, eu fui colona... Fui e ainda me considero agricultora... Não sou agricultora, mas fui criada nesse meio. Como eu nasci e me criei na “Piranga” [sic], eu tive o prazer... A honra de fazer o Jardim no Ipiranga, que quando eu tinha idade, montaram um Jardim, né, no Ipiranga. Então eu fiz dois anos de Jardim. Do Primário, do primeiro ao quarto ano, eu estudei no Ipiranga. Três anos, os primeiros... Porque eu tive que repetir o primeiro ano, então os primeiros... As primeiras duas vezes que eu fiz o primeiro ano e o segundo ano primário, eu fui na escola das irmãs catequistas, porque eram as irmãs catequistas que lecionavam no Ipiranga. As minhas professoras foram a Irmã Otília e a Irmã Angelina. Depois, quando fiz o terceiro ano, foi troca de vários professores, inclusive a minha irmã, a Tereza, e a minha prima, a Celina Eccel. E o quarto ano foi pela minha prima, Neusa Furlani. Então, do quinto ano... O quinto e o sexto ano, eu estudei nos Colégios [sic] Osvaldo Cruz, o sétimo ano eu estudei com as irmãs salesianas em Rio do Sul, porque na nossa família era tradição todos os filhos passarem um ano a dois no Colégio Salesiano. Como eu era muito peralta, eu fiquei um ano só. Oitavo ano eu fiz no Colégio Osvaldo Cruz, e o Segundo Grau eu fiz no Colégio Madre Maria Rosane. Me formei no Segundo Grau em 1983, fiz o

curso de Técnico em Contabilidade. Fiquei dois anos sem estudar. Em 1985, eu comecei a faculdade em Ijuí, na Unijuí, Rio Grande do Sul. Fiz a faculdade de Educação para o Lar, ou Técnicas Domésticas, são as duas é a mesma área [sic]. Fiz Faculdade à Distância, que chamava na época, onde se estudava janeiro, fevereiro e julho. Lecionei por dez anos a matéria do IPT, que hoje é extinta do currículo escolar. Quando parei de lecionar tive outros trabalhos, mas o que mais intensificou na minha vida foi que eu trabalhei 14 anos como cabeleireira do município. Nesse meu trabalho de 14 anos tive muitos aprendizados, fiz muitos cursos, fui pra vários estados estudar, e eu era considerada uma excelente cabeleireira. Dentro da área, da profissão de cabeleireiro, eu sou Técnico em Química, onde eu sou técnica em pintar cabelo, simplificando a história. Com o passar dos anos, eu tive um problema físico, onde eu não pude mais trabalhar como cabeleireira, fiquei um período parada, e decidi fazer uma segunda faculdade, que foi a Faculdade de História. Por que Faculdade de História? Porque só estudando a História a fundo é que eu ia conseguir entender a trajetória de vida do meu pai, porque a filosofia de vida de construir algo grande pra, digamos, fazer história, que foi o que o meu pai fez. E foi uma opção minha muito valiosa, porque estudando a Faculdade de História, eu aprendi muito. Não só sobre a História da minha família, mas em especial, eu me aprofundei muito sobre a História da Imigração Italiana na nossa região, sobre os usos e costumes, sobre a Linguística... Por que que nós, especificamente, usamos o Dialeto Trentino como a nossa língua oficial, que nós não nos [sic] consideramos o Português a língua oficial, mas o Dialeto Trentino. Mas isso é uma concepção da cultura, que a gente traz da cultura italiana. A minha infância foi uma infância muito saudável, onde a gente brincava muito quando podia. Apanhava muito de chinelo, que valeu à pena cada chinelada, porque isso faz a gente crescer. Nós aprendemos a comer frutas do pé, a plantar nossa comida... É... Eu tive que aprender muito nova, por questões de saúde da minha mãe, a fazer comida, a fazer o pão, a cuidar da casa. Então, com 10 anos de idade, eu já cuidava da casa, já fazia comida pra sete, oito pessoas, lavava roupa à mão... Coisas que

hoje em dia, a juventude não sabe o que é. Quando cheguei na minha adolescência, tive uma adolescência maravilhosa, sempre guiada pelos meus pais. Mas no Ipiranga, nós éramos uma comunidade grande, onde nós tínhamos o grupo de jovens. E esse grupo de jovens era tudo em nossa vida, onde nós saíamos pra fazer caminhadas. Nós tínhamos o coral da Igreja, que não só cantávamos na nossa Igreja, nós íamos nas outras comunidades cantar. Montávamos teatros, que eram muito divertidos. Por muitos anos fizemos o casamento caipira na nossa comunidade, apresentamos em outras comunidades. Foram 18 anos onde eu fiz a noiva do casamento caipira, e o noivo era o meu primo, o Mauricio. Então pra nós era a maior alegria nos preparar [sic] pra fazer o casamento caipira. Na época de jovens, a gente participou dos encontros de grupo de jovens, a gente jogava vôlei, jogava futebol... Eu fui jogadora de handebol da escola, mas eu machuquei os dedos e tive que parar. Fui jogadora de futebol de campo, me arrancaram as unhas do pé, aí não quis mais jogar... Enfim! (risos) Assim, a minha juventude foi maravilhosa, e eu era uma pessoa muito espoleta, dada com todo mundo, conversava com todo mundo, brincava com todo mundo... Estava sempre de bem com a vida. Hoje, eu tô [sic] em casa, sou casada, tenho duas filhas, a Laís e a Leticia. A mais velha, Leticia, é contadora, a mais nova, Laís, é enfermeira. O meu marido é caminhoneiro, e eu tô [sic] aqui em casa.

G.D. - Então eu acho que era isso, né. Não sei se tem alguma outra história, alguma coisa que a gente comentou e que lembrasse de alguma informação diferente... Senão é mais ou menos a...

H.C.N.R. - Tá, eu só vou pautar uma coisa aqui que foi esquecido. Uma das coisas que fez com que a nossa família fosse uma família dada e conhecida, bastante. É que na nossa família, nós temos duas freiras e um padre. Uma freira e um padre que são irmãos do meu pai, da Congregação Salesiana, o Padre Mario e a Irmã Leopolda, e da mãe, a tia Aparecida Furlani, que é da Congregação das Irmãs Catequistas aqui de Rodeio. Através deles, a gente teve contato sempre com pessoas de alto nível social e cultural, porque tanto

o meu tio padre, quanto a minha tia freira, sempre traziam casais pra nossa família. Então isso fez com que o nosso nível cultural fosse além... Então nós tínhamos que ter conhecimento, tínhamos que ter postura. E também o pai era uma pessoa muito influente e conhecia muitas pessoas. Então a casa dos meus pais sempre foi uma casa de bastante recepção de pessoas de todos os níveis sociais, desde o mais pobre que não sabia falar, até o governador, ou um senador, e por aí... Então nós tivemos que aprender com os nossos pais e com essas pessoas, o nosso comportamento perante as pessoas. E buscar conhecimento pra poder saber falar... Poder saber falar com padre, com a freira, com o juiz, com um empregado, com um mendigo... Então, os nossos pais exigiam muito isso da gente e eu vejo o quanto é importante isso. E a casa da minha mãe sempre foi a casa de portas abertas pra todos. Quando não tem ninguém, quando passa o dia e não vem ninguém lá em casa, parece que morreu a casa. Então, na minha casa nunca vai faltar... Eu falo “minha casa”, casa da minha mãe... Um bule de café e um pacote de doce... Sempre tem alguém pra comer (risos).

G.D. - (risos) Então é isso, Helena, né. A gente agradece o espaço, né, as tuas memórias, né, vão ficar registradas agora no nosso arquivo, né? Então muito obrigado por isso!

H.C.N.R. - Obrigada a você. Parabéns pelo teu trabalho, eu acho que é isso que faz as pessoas terem história!

G.D. - Muito obrigado!